

/

EU ACHO É POUCO: FANASIAS CARNAVALESCAS E SUAS FICÇÕES COMO POTÊNCIA POLÍTICA.

Eu Acho é Pouco: Carnival Costumes and it's Fictions as a political power.

Lima, Jéssica; Graduanda; Universidade Federal de Pernambuco,
limads.jessica@gmail.com¹

Barros, Simone; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco,
simonegbarros@gmail.com²

Bandeira, Álamo; Mestre; Universidade Federal de Pernambuco;
alamobandeira@gmail.com³

Resumo

Como o bloco “Eu acho é pouco”, por meio de suas fantasias carnavalescas, cria ficções com potencial político capazes de ressignificar realidades. E como essas vestimentas junto com seus valores estéticos e simbólicos causam impacto não só nos carnavais, como também no cotidiano dos pernambucanos.

Palavras Chaves: Fantasia, política, carnaval, blocos de rua, Pernambuco.

Abstract

How the group “Eu acho é pouco”, through it's carnival costumes, creates fictions with political power able to reframe realities. And how these clothes, along with their aesthetic and symbolic values, impact not only on carnivals, but also on the everyday life of Pernambucans.

Keywords: Carnival costumes, political, Olinda, Brazil

¹ Graduanda do curso de design da Universidade Federal de Pernambuco.

² Mestrado e graduação em design pela Universidade Federal de Pernambuco.

³ Pós-Doutorado na Universidade da Beira Interior e professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco.

Introdução

Seria um equívoco subestimar umas das maiores manifestações culturais brasileira. O carnaval tornou-se uma festividade com grande capacidade de mobilização, unindo diversas formas de comunicação, arte e política. Os Foliões reúnem-se para demonstrar suas opiniões, cantar seus “frevos de guerra” e ocupar as ruas, provando que existe espaço para o ativismo na festa pagã.

O Grêmio Litero Recreativo Cultural Misto Carnavalesco “Eu acho é pouco”, está presente nos carnavais de Olinda desde 1976 (MORIM et al. 2017). Criado no período da ditadura militar, seus fundadores tinham como principal objetivo comunicar suas indignações diante do cenário político que se encontrava o país. Composto, em sua maioria, por arquitetos, designers, e artistas plásticos, esses ideais passaram a ganhara uma dimensão imagética através das fantasia e símbolos alegóricos. Tornando esses elementos algo inerente ao bloco, caracterizado pela identidade visual marcante.

É impossível chegar no Carnaval de Olinda e não se deparar com trajes vermelhos e amarelos, que, aos poucos, aparecem unidos em meio a um “arrastão”, guiados por um Dragão gigante, um estandarte composto por losangos, cujo o nome “Eu acho é pouco” aparece em uma tipografia irregular. Todos esses símbolos são impressos nas fantasias do “euachoépouquense”, sendo essas responsáveis por criarem “ficções” dentro do conceito de arte e política cunhado pelo filósofo Jacques Rancière (2005), o qual atribui a esses artefatos a capacidade de ressignificação e resistência.

O bloco encontra-se na sua segunda geração, filhos e netos dos fundadores unem-se a voluntários apaixonados para manter a tradição e expandir os ideais. O “Eu acho é pouco” tornou-se um orgulho para jovens que vestem suas camisas em todas as épocas do ano, provando que a cultura popular e o engajamento político andam juntos para aqueles que acham pouco e querem muito mais.

Evocação de nº 0

A paixão por Olinda era algo em comum entre os fundadores do “Eu acho é pouco, muitos residiam em cidades próximas, como o casal Ivaldevan de Araújo Calheiros e Sônia Galvão Coutinho, antigos moradores do Recife. Ela, pernambucana, estudante de arquitetura e frequentadora de carnavais desde a infância; ele, arquiteto alagoano, porém sem muito contato com a tradicional festa. Casaram em 13 de fevereiro de 1971 e alugaram o andar superior de uma casa localizada na rua de São Bento, próxima ao Mercado da Ribeira. Não demorou muito para que os outros chegassem, como a também alagoana Maria Alice dos Anjos, conhecida como “Baixinha”, e o casal recifense Berenice Lins e Antônio Amaral, ambos arquitetos.

A mudança desses amigos para a Cidade Alta não foi ocasionada por motivos semelhantes, mas seus encontros foram consequência da grande paixão que criaram pelo carnaval das famosas ladeiras.

A gente era uma turma que era muito ligado - eu, Beré, Ivaldevan, Sônia, Marcos. Cada um queria comprar uma casa em Olinda. Morávamos na casa onde a Baixinha mora hoje, na 13 de Maio. E nós alugamos essa casa. (AMARAL, Antônio. Antônio Amaral: depoimento [out. 2014]. Entrevistadores: J. Morim, L. Veras e D. Luna. Olinda, 2015. Entrevista concebida ao Projeto Como o Carnaval se Vestiu de Vermelho e Amarelo.)

Apesar das festividades, a violência fazia-se presente durante o período carnavalesco, ocasionada pela rivalidade entre os principais blocos da época, Pitombeira, Elefante e Marim dos Caetés; motivo que impulsionou esses amigos a criar seu primeiro bloco, o princípio do que viria a ser o “Eu acho é pouco”. Intitulado de “Língua Ferina”, guiados por uma charanga, desfilaram em Olinda por volta de 1975 dando início ao engajamento político em tempos de festa.

Após a primeira aparição do grupo no carnaval, não demorou muito para que se reunissem novamente para idealizar o bloco que iria sair no ano

seguinte. Entre os diversos nomes sugeridos pelos participantes estava como último da lista “Eu acho é pouco”. Soava jocoso como uma brincadeira de carnaval, porém provocativo como o ato de seus participantes ao colocar um bloco de cunho político nas ruas em meio ao governo militar.

Fantasia e alegorias

As principais alegorias foram surgindo com o passar dos carnavais, como o estandarte (Figura 1), que teve sua primeira versão criada pelo artista plástico José Lúcio de Oliveira, utilizando recortes de papelões que havia encontrado em seu próprio terraço. Sugiram outras versões, como a criada pelos artistas tapeceiros de Olinda, contudo era bastante pesado devido ao material, sendo rapidamente substituído. O primeiro estandarte que possuía elementos gráficos semelhantes ao atual, o uso dos losangos trazendo uma referência veneziana, foi executado pelos próprios fundadores do bloco, entre eles Petrônio Cunha, Geraldo Gomes, Antônio Amaral, e Maria Alice “Baixinha”.

Um outro elemento que passou a fazer parte dos desfiles é o Dragão, estrutura feita de bambu coberta por uma lona nas cores vermelho e amarelo, ele é o grande responsável pelo impacto visual causado pela passagem do bloco. Criado pelo arquiteto paraibano Breno Matos, o qual teve a ideia baseada em uma cobra de estrutura semelhante que desfilava nas primeiras aparições do grupo. A alegoria passou a ser reformado todos os anos para o período de festividades, sendo, atualmente, o principal símbolo do “Eu acho é pouco”.

Figura 1: Estandarte e dragão do Eu acho é pouco.



Fonte: <http://olindahoje.com.br/2016/01/24/eu-acho-e-pouco-vai-as-ruas-na-manha-deste-domingo/>;
https://carnaval.uol.com.br/2011/album/eu-acho-e-pouco-leva-dragao-marco-zero_album.htm?abrefoto=3, 2017

As camisas e estampas são objeto de desejo para todos que frequentam o bloco, essas são mescladas a adereços e tecidos tipicamente carnavalescos, sendo nas tradicionais cores escolhidas por Neide câmara, designer e professora de identidade Visual da Universidade Federal de Pernambuco. Essa afirma que sugeriu as cores devido ao grande impacto visual que causavam.

Um outro elemento que se faz presente nas fantasias é a tipografia. Criada pelo arquiteto e designer Petrônio Cunha (Figura 2), responsável por dezenas de camisas do bloco, criou, a mão, o título do Eu acho é pouco nas primeiras estampas com o tipo que ele intitulou de “letra troncha”, que atualmente permanece com a face, desenho da fonte, semelhante ao originais.

Figura 2: Tipografia por Petrônio Cunha, variações por Bel Andrade e Lin Diniz.



Fonte: <http://belandradelima.com.br/following/posts/belandradelima.com.br/BLOCO-EU-ACHO-E-POUCO>; http://euachoepouco.com.br/img/pesquisa/eaep_pesquisa_v16.pdf, 2017

Todos esses elementos são misturados nas diversas estampas criadas pelo bloco, o qual além de vender a camisa com a tradicional estampa fixa, também comercializa o tecido com a aplicação corrida (Figura 3), possibilitando

o encaixe dessas em peças criadas pelos próprios foliões. Ao longo dos anos, o eu acho é pouco convidou uma série de designers e artistas pernambucanos para ilustrar seus tecidos, entre eles Bel Andrade, Juliana Calheiros, Valentina Trajano. Sendo a deste ano criada por Lin Diniz, designer pernambucana que está entre as 100 mulheres mais super poderosas para se inspirar no Brasil e no mundo, na categoria “design” segundo a Fjord.

Figura 3: Estampas corridas por Bel Andrade, Juliana Calheiros, e Valentina Trajano.



Fonte: <http://www.belandradelima.com.br/Bloco-Eu-Acho-E-Pouco-2015>;
<http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2012/11/01/eu-acho-e-pouco-arma-sambao-para-apresentar-novas-estampas-do-bloco/>; <http://fatitavieira.blogspot.com.br/2012/02/eu-acho-e-pouco.html>, 2017

Fantasia e suas ficções como partilha do sensível

O período carnavalesco é marcado pelo distanciamento dos valores cotidianos, dando espaço para representações do imaginário dos foliões que vão as ruas trajando fantasias e criando suas próprias narrativas. Para os “euachoépouquense” o vermelho e o amarelo unidos aos os símbolos do bloco, estampados em suas vestimentas, cria uma ficção coletiva capaz de impactar quem está ao seu redor. A união desses foliões funciona como uma performance ampliada pelo coletivo, aproximando-os de um artista contemporâneo que, segundo o filósofo francês Bourriaud (2000), coloca a arte como geradora de uma contra-imagem que choca com ficções já estabelecidas e ditadas pelo poder.

Tendo como ponto partida a temática utilizada pelo bloco desde a sua fundação, sendo de cunho político e, apesar de apartidário, de esquerda, é possível posicioná-lo em extremidades contrárias a ideias usuais difundidas no cotidiano. Assim como o conteúdo, o canal utilizado está longe de ser tradicional, sendo esse as fantasias responsáveis materializar novas ficções.

O filósofo Jaques Raciére (2005) define “ficções” como construtoras da realidade, produzindo comunidades inéditas, esse conceito se distancia da tradicional denominação atribuída a essas, que as colocam como um reflexo do real. Tratando os trajes carnavalescos e suas aplicações performáticas como objetos de arte, podemos considera-los geradores dessas ficções, posicionando-os ao lado da política, que exerce função semelhante, a de fracionar o real e permitir melhor apreensão de seus fatos. Sendo possível a confirmação do impacto das fantasias de carnaval e seus discursos formais e políticos diante da realidade.

Numa entrevista concedida a Tv Pernambuco em fevereiro de 2017, Ivaldevam Calheiros fala sobre sua capacidade de mobilização do bloco, referindo-se à sua participação na passeata contra o governo do presidente Michel Temer, realizada no Recife. Suas alegorias desfilavam no cenário de costume, a rua, porém em um contexto diferente. Os foliões se faziam presentes vestidos em seus trajes, e, ao som do frevo, entraram na passeata mostrando seus posicionamentos diante do governo do atual presidente.

Ainda nas entrevistas, a jornalista Luciana Veras, colaboradora e frequentadora do bloco, narra a alegria de um seguidor do mesmo ao encontrar o estandarte no meio da manifestação. Esse fato exemplifica o ideal de comunidade que se faz presente em meio as ficções já trazidas anteriormente.

As novas gerações permaneceram com o engajamento que idealizou o bloco, porém a tradição tornou sua simbologia ainda mais forte, seus signos funcionam sozinhos, sem o cenário carnavalesco. É bastante fácil encontrar jovens usando a camisa do “Eu acho é pouco” em todas as épocas do ano, tornando-a verdadeiras “fantasia do cotidiano”.

Considerações finais



APOIO



REALIZAÇÃO



É indiscutível que o “Eu acho é pouco” tem suas histórias e tradições imortalizadas nos carnavais Olindenses. O que deve ser assimilado é a sua capacidade de transitar entre diversos âmbitos, dentro das razões cotidianas e principalmente políticas, mostrando que seus foliões acreditam em seus ideais e vestem, literalmente, as suas camisas como forma de firma sua participação no coletivo.

As alegorias geradas de forma espontânea foram ganhando significados, os quais são facilmente assimilados por pernambucanos frequentadores da tradicional festa. Os desdobramentos através da moda, sendo, a princípio, idealizada de forma sazonal, atingiu proporções inimagináveis; gerando identidades que ultrapassam territórios municipais e até mesmo estaduais.

A moda como veículo de comunicação assume aqui um caráter tanto identitário, quando se trata da identificação de um coletivo, quanto engajado de valor ressignificador. Atribuindo a elementos antes presentes só em carnavais de rua funções que vão além do entretenimento.

Referências bibliográficas

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida: A arte moderna e a invenção em si.** São Paulo: Travessia, 2011.

EU acho é pouco 40 anos. Direção: Guida Gomes. Produção: Elaine Bione. Reportagem Tv Pernambuco. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=ZFwpFwz83g4&t=74s>>. Acesso em abril de 2017.

MENDONÇA, Vera de. **Comunicação estética na arte contemporânea: Mediação e institucionalidade.** 238 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Humanidades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

MORIM, Júlia et al. **Como o carnaval se vestiu de vermelho e amarelo.** Olinda, 2015. Disponível em:< http://www.euachoe pouco.com.br/img/pesquisa/eaep_pesquisa_v16.pdf>. Acesso em Abril de 2017.

RANCIÉRE, Jaques. **Estética e política: A partilha do sensível**. São Paulo: 34, 2005.

XIMENES, Fernanda. “**Ou vai ou racha e deslumbramentos**”: Entre carnavais e outras f(r)icções. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.



APOIO



REALIZAÇÃO

